

## A personificação do dialeto como violência em *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante

Fernanda Suely Muller  
Universidade Federal do Ceará  
fernanda.muller@letras.ufc.br

Antonia Dayane Figueiredo Rodrigues  
Universidade Federal do Ceará  
dayanerodrigues@alu.ufc.br

**RESUMO:** Elena Ferrante é o pseudônimo de uma escritora italiana cuja identidade é um mistério. Em sua trama de exórdio *L'amore molesto* (1992), Ferrante nos apresenta a história intrigante de Delia, personagem que procura desvendar a morte estranha de sua mãe e, ao mesmo tempo, precisa enfrentar o desconforto que lhe causa o retorno à sua cidade natal. Na tessitura do enredo, é interessante observar como a escritora utiliza a linguagem (mais especificamente o dialeto napolitano) como elemento reiterante da aflição emocional que a viagem a Nápoles desperta na protagonista. Sendo assim, sobretudo a partir de Alfonzetti (2018) e Di Rogartis (1993), pretendemos, neste trabalho, analisar a presença do dialeto na obra *Um amor Incômodo* de Elena Ferrante, procurando sublinhar como a escolha narrativa operada pela escritora se configura como uma espécie de "personagem silencioso", ora conduzindo a protagonista, ora justificando o porquê da sensação desagradável experimentada por Delia desde a tenra idade.

**Palavras-chave:** Elena Ferrante. Dialeto. Violência. *Um Amor Incômodo*.

**ABSTRACT:** Elena Ferrante è lo pseudonimo di una scrittrice italiana la cui identità è un mistero. Nel suo esordio *L'amore molesto* (1992), Ferrante ci presenta l'intrigante storia di Delia, un personaggio che cerca di svelare la strana morte della madre e, allo stesso tempo, deve affrontare il disagio causato dal suo ritorno nella sua città natale. Nell'intreccio, è interessante osservare come la scrittrice utilizzi il linguaggio (più precisamente il dialetto napoletano) come nodo centrale del conflitto emotivo che il viaggio a Napoli suscita nella protagonista. Dagli studi di Alfonzetti (2018) e Di Rogartis (1993), si intende, in questo lavoro, analizzare la presenza del dialetto nell'opera *Um amor Incômodo* (titolo in portoghese) di Elena Ferrante, cercando di sottolineare come la scelta narrativa operata dalla scrittrice sia configurata come una sorta di "personaggio muto" che rege la protagonista Delia fin dalla tenera età.

**Parole chiave:** Elena Ferrante. Dialeto. Violenza. *L'amore molesto*

**ABSTRACT:** Elena Ferrante is the pseudonym of an Italian writer whose identity is a mystery. In his exordium plot *L'amore molesto* (1992), Ferrante presents us with the intriguing story of Delia, a character who seeks to unravel the strange death of her mother and, at the same time, has to face the discomfort caused by her return to her hometown. Christmas. At the plot, it is interesting to observe how the writer uses language (more specifically the Neapolitan dialect) as a reiterating element of the emotional distress that the trip to Naples arouses in the protagonist. Therefore, especially from Alfonzetti (2018) and Di Rogatis (1993), we intend, in this work, to analyze the presence of dialect in the work *Um amor Incômodo* by Elena Ferrante, seeking to underline how the narrative choice operated by the writer is configured as a kind of "silent character" that leads the protagonist Delia from her early age.

**Keywords:** Elena Ferrante. Dialect. Violence. *Um amor incômodo*.

## INTRODUÇÃO

Elena Ferrante é o pseudônimo de uma famosa escritora italiana cujo legado vem conquistando o mundo. Pouco se sabe sobre essa misteriosa autora: uma das hipóteses plausíveis é que sua identidade real seja de uma tradutora da editora (E/O Edizioni) que publica seus livros na Itália. Uma das poucas informações concretas que temos sobre a Ferrante é sobre a sua origem napolitana que, não por acaso, também está presente em praticamente todas as obras publicadas pela romancista. A escritora alcançou a notoriedade mundial com a sua tetralogia *A amiga genial*, mas, desde o lançamento de seu primeiro livro *Um amor Incômodo* (1992), a escritora já havia sido notada pelo público leitor de sua terra natal.

Em sua primeira obra, *Um amor incômodo* (no original *L'amore molesto*), Ferrante narra a história de Délia, uma mulher que, depois de muitos anos longe de Nápoles, sente-se obrigada a retornar para a cidade natal depois da morte, um tanto quanto estranha, da mãe, Amália.

Durante a sua estada em Nápoles, Délia revisita lugares e pessoas que a fazem lembrar do seu passado e de toda a história conturbada da sua infância. Na trama, tal desconforto da protagonista será expresso especialmente através do dialeto (dialeto napolitano) que acabará até mesmo assumindo um papel ficcional simbólico de verdadeiro personagem autônomo dentro da trama, que é o cerne da investigação que pretendemos sublinhar neste trabalho.

Como pretendemos demonstrar, em *Um amor incômodo*, o dialeto assume uma posição de destaque dentro da trama com a intenção de fazer com que o leitor sinta a mesma sensação de deslocamento que a protagonista experimenta quando o dialeto está em cena.

Para desenvolver nossa argumentação, inicialmente nos deteremos a abordar brevemente a construção da personagem Delia para, em seguida, examinarmos com mais cautela a especificidade estilística criada por Ferrante na obra em tela e, em particular, a presença/função do dialeto na narrativa, à luz dos estudos pioneiros de Giovanna Alfonzetti (2018) e Tiziana di Rogatis (1993).

Uma versão preliminar desta nossa contribuição foi apresentada na VII edição do EIPIB - Encontro Internacional de Italianistas e Professores de Italiano do Brasil, realizada em setembro de 2021.

## **DELIA E SEUS INCÔMODOS**

Com uma narração toda em primeira pessoa e poucos discursos diretos, em *Um Amor Incômodo* conhecemos a história de Delia, uma mulher de 40 anos que precisa retornar à sua cidade de infância depois que sua mãe é encontrada morta por afogamento em uma praia, vestindo somente um sutiã.

Durante o percurso do retorno forçado à sua cidade natal, Delia faz emergir a sensação de incômodo que sente, sentimento que é frequentemente reiterado pela protagonista pois remontam às recordações desde a sua infância.

Muito embora a morte de uma mãe possa ser considerada como uma perda muito dura e dolorosa para qualquer indivíduo, a morte de Amalia, mãe da protagonista – já revelada inclusive desde as primeiras páginas – não parece ter esse mesmo peso para Delia. A descrição do velório e do enterro de Amalia se dá através de uma narração neutra e parece não conter a carga emocional que uma perda deste relevo carregaria consigo, mas, logo na primeira noite de Delia após a morte da genitora, o impacto de tal acontecimento começa a se revelar na protagonista:

“Quando entramos na casa de uma pessoa morta recentemente, é difícil acreditar que esteja deserta. [...] Dormi não mais do que duas horas, sem sonhar. Quando abri os olhos, o quarto estava escuro e pela janela entrava apenas a claridade nebulosa da iluminação pública, que se difundia em uma nesga do teto. Amalia estava lá em cima como uma borboleta noturna, jovem, talvez com uns vinte anos [...]. Estava deitada de costas e, apesar do rosto sereno, contorcia o corpo convulsivamente devido a um espasmo de dor. Fechei os olhos para que ela tivesse tempo de se soltar do teto e voltar à morte[...] adormeci novamente, mas por poucos minutos.”  
(FERRANTE, 2017, p. 27-31)

Durante toda a narrativa, Ferrante conduz os leitores nesse processo contínuo de “incomodação” experimentado pela protagonista e pelo vórtice de recordações desconexas de sua memória que, às vezes, mais confunde do que explica. E, somente no final da nossa tentativa de descobrir o que realmente aconteceu com Amalia, é que descobrimos o fato crucial para entendermos, até certo ponto, a relação conflituosa entre as duas, e como a narrativa do livro, na verdade, não era sobre a morte da mãe de Delia.

## **A LINGUAGEM INCÔMODA DE ELENA FERRANTE**

A construção narrativa das obras de Elena Ferrante é muito peculiar e, certamente, tal fato contribuiu muito positivamente para que a escritora tivesse alcançado tamanha repercussão mundial.

Um dos temas que avultam com mais força nas obras da Ferrante como um todo é a condição feminina, incluindo-se aí as suas subjetividades, relações

familiares, relações amorosas, o (des)encontro advindo do impacto da maternidade na vida da mulher, para além de todo o panorama crítico, social e histórico que a escritora consegue transpor através da sua narrativa.

Em *Amor incômodo*, uma das nuances problemáticas entre a relação de mãe e filha na obra se dá especialmente através da presença (velada) do dialeto, antecipado já pela protagonista desde as primeiras páginas: “era a língua da minha mãe, que eu tentara inutilmente esquecer junto a tantas outras coisas dela.” (FERRANTE, 2017, p. 19). O dialeto, língua materna do subconsciente e (des)afetiva da protagonista, nesse contexto específico, é entendido como a língua local e autônoma falada em Nápoles, pouco relacionada portanto ao italiano standard, língua oficial do país.

Logo na primeira página do livro, cuja frase impactante “Minha mãe se afogou na noite de 23 de maio, dia do meu aniversário [...]” (FERRANTE, 2017, p. 1) captura o leitor desde o início da narrativa, temos já a primeira aparição da presença indelével do dialeto: “[...] ela se limitou a desfiar em voz muito alta uma série de expressões obscenas em dialeto, enunciando-as com prazer.” (FERRANTE, 2017, p. 10). Junto com esse primeiro registro, emerge outro elemento – a obscenidade – que, na trama, estará sempre intrínseca à rememoração dialetal.

Giovanna Alfonzetti, em *Il dialetto ‘molesto’ in Elena Ferrante* (2018) apresenta o dialeto como um personagem silencioso da narrativa, visto que é sempre presente, mas nunca de uma forma “física” (ou no caso, escrita). As formas dialetais nas narrativas ferranteanas são sempre citadas através da menção de outrem e, uma vez que as palavras em si não são nunca reportadas textualmente, resta apenas a sensação de enorme desconforto que a referência desses diálogos ininteligíveis causam nas personagens (e, consequentemente, também em nós leitores, uma vez que não podemos interpretar autonomamente o significado das palavras aludidas no contexto narrativo).

Ainda na página inicial da narrativa, Delia, após o telefonema no qual descobrira a situação de sua mãe, lança uma pista ao leitor sobre o que acontecerá no desenrolar da trama, que descobriremos ao final: “Aqueles obscenidades me causaram uma regressão desorientadora.” (FERRANTE, 2017, p. 10). Também Delia, ao ligar para o seu amigo policial em Nápoles o surpreende com “uma mistura confusa de italiano e expressões dialetais” (FERRANTE, 2017, P.10), revelando sutilmente ao leitor o desconforto e a desestabilidade que o dialeto lhe causa.

Outro trecho particular que gostaríamos de comentar se refere à constatação da morte da mãe da protagonista:

No dia seguinte, dois rapazes viram o corpo de minha mãe boiando a poucos metros da praia. Vestia apenas o sutiã. A mala não foi encontrada. O *tailleur* azul-escuro não foi encontrado. Não foram encontrados nem mesmo a calcinha, as meias, os sapatos, a bolsinha com os documentos. (FERRANTE, 2017, p. 11)

A linguagem é direta e objetiva. Ela descreve o acontecimento trágico de maneira simplória, que possibilita ao leitor entrever, contudo, a tristeza de uma situação real, na qual um ser humano perde a vida, como se fosse uma coisa sem identidade (sem bagagem, sem identidade, sem vestimenta alguma) a ser descartada no lixo, fadada ao desaparecimento. No trecho citado, percebemos que Delia não atropela as informações que vai descobrindo conosco, muito pelo contrário: a passagem é lenta e a sensação que nos faz sentir é que ao final do livro ainda estamos no começo.

Na cena do velório de Amalia, o dialeto *molesto* vem à tona novamente, trazendo consigo suas obscenidades; é a cena, inclusive, na qual nos é apresentado um novo personagem da narrativa, Tio Filippo, que auxilia Delia no período em que fica em Nápoles após a morte da mãe. O tio de Delia surge agitado, gritando e xingando impropérios em dialeto, mostrando que, mesmo

em uma situação triste – que é o enterro de Amália – a carga violenta que o dialeto representa para a personagem ainda se faz presente.

Durante o funeral, acontece na trama o primeiro encontro de Delia e Caserta, que é cadenciado igualmente pela presença do dialeto. Caserta era uma figura masculina recorrente nas memórias de infância de Delia, mas com quem há muitos anos não mantinha contato. No primeiro momento, ela não o reconhece (e aparentemente nem ele a ela), mas bastam alguns minutos para nosso “personagem invisível” reaparecer e, dessa vez, em vestes um pouco mais agressivas, trazer palavras e sensações desagradáveis: “Fui atingida por um jorro de obscenidades em dialeto, um suave córrego de sons que envolveu a mim, a minhas irmãs e a minha mãe em uma mistura de sêmen, saliva, fezes, urina, em todos os orifícios possíveis.” (FERRANTE, 2017, p.17).

Na narrativa, mesmo antes do desagradável desencontro presencial com Caserta, apenas ao ouvir a menção de tal nome por parte de Filippo, Delia já antecipara que o personagem despertava na protagonista recordações e sensações desconcertantes desde os tempos de infância.

A própria Ferrante, em uma entrevista a Olimpia Zagnoli (apud ALFONZETTI, 2018, p. 304), sublinhou a importância da inserção do dialeto em suas obras com todas as nuances que a língua representa para ela:

Nei miei libri ho scelto sempre di raccontare il ruolo del dialetto, non di mimarlo [...] perché in genere ogni imitazione letteraria dell’oralità dialettale [...] mi ha sempre infastidita, specie quando neutralizzava con l’ironia, con il comico, con il patetico, una lingua che sentivo violenta e che mi metteva ansia. (Repubblica, 3 luglio 2017, apud, ALFONZETTI 2018, p. 304).

No volume *Frantumaglia* (2016), obra que recolhe alguns apontamentos e reflexões do seu processo ficcional segundo a própria escritora, Ferrante explicita que a sua cidade natal sempre lhe foi hostil e que, em suas obras, procurou sempre retratar aos leitores essa sensação, pois, para ela “era una città di litigi improvvisi, di lacrime facili, di conflitti che finivano in bestemmie,

oscenità irriveribili e fratture insanabili” (FERRANTE, 2003, p.60-61 *apud* ALFONZETTI, 2018).

## DIALETO E VIOLÊNCIA

Na narrativa, podemos perceber que a protagonista não gosta muito de falar sobre o seu passado, mas quando o faz, o dialeto está intrinsicamente associado. Para Delia, segundo Alfonzetti (2018, p. 307), “il dialetto appare intimamente associato al mondo della violenza fisica e verbale, soprattutto a quella che il padre, morbosamente geloso, riversava sulla moglie, ricoprendola di insulti, schiaffi, pugni, calci, per punirla, ciò che interpretava come segni di tradimento”.

Com o desenrolar da trama, vamos percebendo que o verdadeiro motivo pelo sentimento desagradável se deve ao fato de o dialeto ser como uma espécie de “código” que reporta Delia para as violências sofridas quando criança (Alfonzetti, 2018).

O dialeto também serve como elo inexorável e conturbado que mantinha com sua mãe, e essa “obsessão” pela figura materna, baseada no descontrole, ciúme e sensação de posse da protagonista, é explicitado desde o título do livro, especialmente na sua versão original (na qual o vocábulo molesto assume vários significados ao longo da narrativa até chegarmos à sua interpretação definitiva).

Assim como o pai, Delia também se sentia “dona” do corpo da mãe e, como sói nessas relações conturbadas e conflituosas de famílias desestruturadas, muitas vezes a protagonista achava justificável a violência física do pai em relação à progenitora: “Sabíamos que meu pai começou a bater nela só quando quis desistir de Caserta e dos retratos para os americanos e ela se opôs? Não era assunto para Amalia se meter. Mas ela tinha o vício de se meter em tudo, sem pensar.” (FERRANTE, 2017, p. 56). Em outra passagem da obra, a protagonista reitera essa impressão percebida pelos leitores:



Talvez eu não tolerasse que a parte mais secreta de mim usasse aquela sua solidariedade para validar uma hipótese cultivada igualmente em segredo: a de que minha mãe levava inscrita no corpo uma culpa natural, independente da sua vontade e das suas ações, aparecendo prontamente quando necessário, em cada gesto, cada suspiro. (FERRANTE, 2017, p. 54)

Mesmo após a morte da genitora, Delia não conseguiu ressignificar a difícil relação das duas, uma vez que não conseguia se desvincular da sensação de abandono e do ciúme experimentado na infância: “Non riuscivo a reinventarmela ingenua, nemmeno adesso” (Ferrante, 1999, p. 124). Também no sepultamento, Delia admitiu “durante o funeral, fiquei surpresa ao me flagrar pensando que finalmente não era mais obrigada a me preocupar com ela” (Ferrante, 2017, p.12), reforçando a ideia de que, para a protagonista, a presença da mãe era indesejada também na idade adulta.

Como Delia já havia cortado os laços com quase todos os parentes e raramente falava com as irmãs, a sua única ligação com o dialeto e com Nápoles se restringia a Amalia e, agora que ela estava morta, poderia finalmente sepultar consigo todo o seu passado. No entanto, devido à morte trágica e possivelmente criminosa de sua mãe, a protagonista, ao decidir investigar o seu falecimento, é obrigada a se deparar com fatos e lembranças que tornaram o passado mais vivo do que nunca: a própria casa materna, a loja Vossi, o metrô, a casa do pai e a casa onde, na época, Caserta morava. Acompanhado das memórias, vinha o dialeto, que sempre se fazia presente nos lugares e até, muitas vezes, servindo de gatilho para Delia. Ao ouvi-lo na boca das crianças, lembrou-se de que quando criança também as repetia para Antônio, filho de Caserta, e junto com essa lembrança veio a recordação da confeitaria que o avô de Antônio tinha. E, foi justamente em tal confeitaria que, quando criança, Delia diz ter visto um encontro sexual entre sua mãe e Caserta, fato este que relatou ao seu pai e resultou em desdobramentos terríveis.

Porém, o que Delia não sabia, não lembrava ou fizera mesmo questão de esquecer é que sua mãe nunca havia tido nenhuma relação com Caserta, pelo menos não estando casada. Ao andar no imóvel velho e caindo aos pedaços da velha confeitaria, vários flashes vão passando por sua cabeça, e aqui percebemos que nossa protagonista, durante suas recordações, sempre havia misturado em sua mente, como sendo uma pessoa só, três homens distintos: Caserta, o filho Antônio e o pai de Caserta.

### PERSONAGEM SILENCIOSO

Conforme aludimos anteriormente, em *Um Amor Incômodo*, Ferrante faz do dialeto uma personagem invisível, que apresenta o aspecto da violência em todos os momentos em que aparece, manifestando também toda a carga negativa das lembranças da infância de Delia.

No entanto, é somente no capítulo 24 que desvendamos a teia psicológica das lembranças da nossa protagonista. Ao se ver mais uma vez na confeitaria, onde por várias vezes imaginou sua mãe escondida em um quartinho com Caserta, percebeu que essa lembrança era, na verdade, uma “mentira da memória”. Agora, depois de adulta, Delia se deu conta de que era impossível sua mãe sair de um lugar pequeno, em pé, de braços dados com Caserta e radiante, assim como na sua memória: “Eu e Antônio também, quando passávamos ali, tínhamos de nos curvar. A infância é uma fábrica de mentiras que perduram no imperfeito: a minha pelo menos havia sido assim.” (FERRANTE, 2017, p. 161)

Na passagem mais adiante da narrativa, o dialeto retorna aos ouvidos de Delia, e como não havia de ser diferente, sua presença não traz sensações agradáveis: “Eu ouvia o vozerio das crianças na rua e não achava que elas eram diferentes de como eu fora: berravam no mesmo dialeto, mas cada uma delas ouvia algo diferente. Eram invenções, criadas enquanto passavam a noite na

calçada esquálida sob o olhar do homem de regata.” (FERRANTE, 2017, p. 157).

No desenrolar da trama, percebemos que essa projeção de si mesma criança na imagem da mãe adulta fez com que Delia tivesse inventado uma relação fictícia entre Amalia e Caserta, o que fica claro quando Delia percebe que não conseguia distinguir as personalidades diferentes dos três homens distintos que ela atribuía como sendo um só: “além do mais, Caserta não me parecia convincente. Às vezes, conseguia ser Caserta: outras vezes, perdia sua feição.” (FERRANTE, 2017, p. 136) E é na situação de se encontrar novamente naquele quartinho, sentada a cama, que Delia finalmente lembra a cena que durante tantos anos apagou da memória: “Eu amava Caserta na mesma intensidade com que imaginava que minha mãe o amasse.” (FERRANTE, 2017, p. 162)

Enquanto eu inventava para mim mesma que sua voz, depois daquele verbo, também pronunciara ‘Amalia’, ele passou suavemente um dedo nodoso e sujo de creme na minha perna, embaixo do vestidinho que minha mãe havia costurado para mim. [...] e percebi que aconteciam detalhadamente na minha cabeça as obscenidades que aquele homem murmurava com voz rouca, tocando-me. (FERRANTE, 2017, p. 163)

E, mais adiante, finalmente o trecho revelador:

Então, a certa altura, precisei ceder e admitir que o homem que me dizia ‘venha’ no final dos três degraus do porão era o vendedor de artigos coloniais exóticos, o velho soturno que fabricava sorvetes e doces, o avô do pequeno Antonio, o pai de Caserta. (FERRANTE, 2017, p. 164)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final da narrativa, após um longo percurso de negações e rememorações, Delia percebeu que sua mente reagiu de uma maneira distinta ao lidar com o abuso que sofreu na infância, projetando tal fato na figura da

mãe que, no seu entendimento, era negligente, porque a deixava sozinha na rua e na confeitaria, à mercê dos “homens de olhos profundos”.

Como seu inconsciente de criança havia apagado de sua memória o abuso que havia sofrido, a situação de violência na infância vinha agora à tona, na idade adulta, através do dialeto que, servindo de gatilho, era associado, portanto, ao momento muito doloroso que a mente quis, de qualquer forma, esquecer.

Assim sendo, percebemos que o incômodo causado por todas as relações afetivas e molestas do livro se refletem de maneira paradigmática nesta obra prima de Ferrante, que não por acaso, é considerada como uma das grandes narradoras do ser feminino (com toda a sua complexidade) nos dias de hoje.

## Referências

ALFONZETTI, Giovanna. Il dialetto ‘molesto’ in Elena Ferrante. In: MARCATO, Gianna. *Dialetto e Società*. Padova: Coop. Libreria Editrice Università di Padova, 2018, 1ª. Ed.

\_\_\_\_\_. *L'amore molesto*. Roma: Edizioni e/o, 1999.

\_\_\_\_\_. *Um amor incômodo*. Tradução Marcelo Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

\_\_\_\_\_. *La frantumaglia*. Roma: Edizioni e/o, 2016.

ROGATIS, Tiziana de. L'amore molesto di Elena Ferrante. Mito classico, riti di iniziazione e identità femminile. In: *Rivista semestrale Autorizzazione del Tribunale di Palermo*. Palermo: n. 2, p. 273-308, 4 febbraio 1993.